

QUEM OCUPOU O SEU ESPAÇO? RESISTÊNCIA, SUJEITO E OS DESLIZAMENTOS DE SENTIDO DO MOVIMENTO OCUPE ESTELITA

Isaac Costa¹
Lucirley Oliveira²

Este texto se destina a discutir, ainda que brevemente, a noção de resistência, sujeito e os deslizamentos de sentido promovidos pelo Movimento Ocupe Estelita (MOE) sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso de inspiração pecheuxtiana (PÊCHEUX, 1969/1997, 1975/2009; PÊCHEUX & FUCHS, 1975/1997). Para tal, adotamos como material de análise duas imagens que circularam no *Facebook*, entre os dias 13 e 14 de maio de 2015, por meio das páginas do MOE³, e do Diário de Pernambuco⁴. Nosso intuito é pensar o resistir enquanto extensão da simbolização de uma posição-sujeito constituída por novas formas de subjetivação do urbano, notadamente os dizeres que circulam entre os manifestantes da cidade, resistentes ao movimento de apagamento dos interesses individuais pelo Estado. Nesse enquadramento, destacamos as manifestações contra uma das posições do Estado, na sua representação hegemônica: a privatização dos espaços públicos, donde situamos a luta a favor da ressignificação da ideia de ocupar / resistir.

A princípio, tomamos o ato de resistir como forma de individualização do sujeito em relação ao Estado. Entendemos a conexão entre o Estado e o sujeito nos moldes da dominação ideológica (da ideologia da hegemonia), conforme afirma Orlandi (2007), ao reforçar a ideia de que, ao inscrever-se na língua, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma-sujeito histórica,

¹ Bolsista do CNPq. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). <isaac.mello@live.com>

² Bolsista da CAPES. Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). <lucirleya@gmail.com>

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita>>.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornaldiariodepernambuco>>.

para a autora, o sujeito do capitalismo. A interpelação que constitui o sujeito, também constitui o sentido, de maneira que ele age num ato sócio-historicamente marcado (daí a relação com o capitalismo na contemporaneidade), onde se reflete sua interpelação pela ideologia. De maneira que “a ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso” (ORLANDI, 2007, p. 12).

A mesma autora (2007) nos aponta dois momentos no movimento de constituição do sujeito: a anteriormente referida interpelação pela ideologia, de onde decorre a afetação pelo simbólico e pelo histórico; as diferentes formas de individualização do sujeito em relação ao Estado. Como a natureza da classe pensante é a de dominar o grupo não-proprietário, uniformizar o seu pensamento, a ideologia é pensada para não corresponder à realidade concreta, que é conflituosa; na ideologia não existe relação entre capitalistas e trabalhadores, mas relações do Homem com os aparelhos ideológicos do Estado. Isso neutraliza, por exemplo, o efeito de consciência particular em prol das ideias pregadas por instituições maiores que o cidadão, como o próprio Homem, a Pátria, o Exército, a Escola, etc., instituições que têm por função assegurar o que Althusser (2001, p. 22) denomina “sujeição à ideologia dominante”. Para este autor, o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é a sujeição social, um mecanismo com duplo efeito, já que “o agente se reconhece como sujeito e se assujeita a um Sujeito absoluto” (ALTHUSSER, 2001, p. 8).

Um dos movimentos do sujeito neste segundo momento de constituição, e tomando a perspectiva do sujeito do capitalismo, seria o de resistência à uniformização, de individualização frente à neutralização / apagamento dos interesses individuais pelo Estado. Desta maneira, esse sujeito busca maneiras de cair fora da norma para afirmar-se sujeito numa conjuntura social de segregação, afetada pela urgência que tem o homem pós-moderno em conquistar algo sólido, o quanto antes possível, em ver resultados sem se preocupar com os meios de obtenção, numa busca egoísta, hedonista e, muitas vezes, simulada (cf. NAZÁRIO, 2008). Pensando no modo como essa individualização se articula, elegemos a cidade, o ambiente urbano, como exemplo de espaço social politicamente dividido, e nele as diferentes formas de marcação do sujeito por intermédio da resistência.

Consideramos o protesto como meio de o sujeito individualizar a forma-sujeito e, ao mesmo tempo, denunciar a segregação social por intermédio dessa marcação que grita a “todo momento ‘eu existo’, ‘eu estou aqui’” (ORLANDI, 2007, p. 19). Se tomarmos essa noção não somente enquanto ato de individualização da forma-sujeito, mas também como modo de autoafirmação e pertencimento, de solidariedade entre os membros de um determinado grupo resistente, podemos pensar no protesto como símbolo na construção de pontos de referência para o sujeito.

A Análise de Discurso opera com a ideia de que o lugar de sujeito não é vazio, mas preenchido por aquilo que Pêcheux (1975/2009) denomina forma-sujeito (sujeito do saber), instância que permite ao sujeito inscrever-se numa determinada Formação Discursiva (FD), identificando-se com ela e constituindo-se, assim, como sujeito. Formula Pêcheux (2009) que a interpelação do indivíduo em sujeito se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, processo que ocorre pelo viés da forma-sujeito. Destarte, podemos afirmar que o sentido só se produz pela relação do sujeito com uma determinada forma-sujeito, organizadora da formação discursiva.

Para Pêcheux (2009), existem três modalidades de tomada de posição no interior da forma-sujeito. A primeira delas se dá pela superposição do sujeito com a forma-sujeito, e resulta na plena identificação do sujeito enunciadador com o do saber, de maneira a reduplicar a identificação com a formação discursiva, o que ele denominou discurso do bom sujeito. No entanto, e já apontava o próprio Pêcheux, não existe ritual sem falhas. A tomada de posição do bom sujeito é apenas uma modalidade dessa tomada de posição, o que instaura uma suposta unidade na identificação do sujeito; quando ela ocorre, o sujeito tem a ilusão de estar na origem do dizer, e instaura assim um efeito da ordem do imaginário, um efeito-sujeito. Na contramão do discurso do bom sujeito, está o sujeito que se contra-identifica com a forma-sujeito, aquele que, apesar de identificar-se, não o faz de maneira plena, mas com reservas, o que termina por denunciar a inexistência da unicidade na constituição da forma-sujeito, além do princípio de resistência daquele sempre já-sujeito que resiste a discursos outros ao ser interpelado em sujeito pela ideologia. A terceira e última dessas modalidades de posição é a de desidentificação, quando

ocorre o rompimento do sujeito com os saberes de determinada forma-sujeito⁵ (ou Sujeito do saber).

Ao tratarmos das tomadas de posição, é relevante levarmos em consideração a expansão da noção de Formação Discursiva proporcionada por Jean-Jacques Courtine (1982/2009), ao discutir sua heterogeneidade. Para este autor, as fronteiras de uma FD são suficientemente porosas para se deixarem afetar pelos saberes de outras FDs que se façam presentes, uma vez que a ideologia que as atravessa é heterogênea (não é idêntica a si mesma) e vive sob o signo da contradição (dialética), de dar unidade aos contrários. Se as Formações Discursivas são heterogêneas, a forma-sujeito que as organiza também o é, assim como as posições-sujeito que abriga. Desta maneira, podemos conceber o conjunto de diferentes posições-sujeito numa dada FD enquanto modalidades particulares de identificação “do sujeito da enunciação com o sujeito do saber, considerando os efeitos discursivos específicos que aí se relacionam” (Op. Cit. 2009, p. 88). Desta maneira, a especificidade da posição-sujeito se dá na interpelação do sujeito do saber em sujeito ideológico, que, ao se (des)identificar com o sujeito enunciador, assume uma (ou mais de uma) posição no discurso.

Considerando a forma-sujeito do capitalismo, pensamos em duas representações de posições-sujeito diferentes, a ela vinculadas: a dominante, aqui exemplificada pela Prefeitura da Cidade do Recife; e a dissidente, notadamente aquela em que se inscrevem os manifestantes do Movimento Ocupe Estelita. A posição dissidente constitui-se pela luta contra o avanço desenfreado, ou mais precisamente o “desenvolvimento urbano”, proposto pelo Projeto Novo Recife, idealizado pelo Consórcio Novo Recife⁶ (em parceria com a PCR), que atualmente detém os direitos sob o terreno do Cais. A proposta é de que a área do Cais José

⁵ Isso não significa, no entanto, que este sujeito é livre da determinação/pressão da ideologia, mas que possui um certo espaço de liberdade que o permite identificar-se com outra forma-sujeito. Quando um sujeito se desidentifica com uma determinada forma-sujeito, já está, ainda que inconscientemente, vinculado a outro domínio de saber já consolidado ou em construção – o que, grosso modo, constitui um novo acontecimento discursivo: a identificação do sujeito desidentificado com uma nova FD / forma-sujeito em processo de constituição (INDURSKY, 2008, p. 21).

⁶ Formado pelas empresas Ara Empreendimentos, GL Empreendimentos, Moura Dubeux Engenharia e Queiroz Galvão, o Consórcio Novo Recife adquiriu, em 2008, parte da área do Cais José Estelita, na região central do Recife/PE, que pertencia ao espólio da Rede Ferroviária Federal.

Estelita continue sendo um espaço público, e, além disso, passe a abrigar estabelecimentos comerciais, casas de cultura, restaurantes, etc., em contraposição à construção de arranha-céus, proposta pela posição dominante. Mencionamos “público” pelo fato de os manifestantes considerarem a privatização desse espaço um fator de segregação e exclusão social, já que a parcela da população sem poder aquisitivo não transitaria em meio aos grandes residenciais e condomínios fechados, como anteriormente o fizera.

Com esses ideais em mente, organizou-se um movimento de ocupação do Cais no momento de sua demolição, que se estendeu por vários meses e que perdura até hoje. Na ocasião, propostas arquitetônicas que propunham a revitalização do local foram apresentadas, e intervenções culturais dos mais diversos tipos aconteceram com o propósito de atrair simpáticos à causa e fortalecer o cordão de manifestantes. Com a repercussão nas redes sociais e o apoio aberto de advogados, arquitetos, urbanistas, professores, ONGs e artistas, o Movimento ganhou visibilidade nacional e cristalizou um sentido específico para o termo “ocupe”, geralmente precedido de *hashtags* e sinalizadores oriundos de navegadores de mapas e GPS (vide figura 1; tais símbolos normalmente representam o lugar em que se está; a origem do destino a ser traçado). Além disso, “ocupe” estava metonimicamente associado à formulação “resistir; ocupar”, muito comum no período da ocupação. Contra as máquinas e, assim, contra o avanço dos interesses da posição dominante, não foi difícil que o sentido do que significava ser manifestante, deslizesse para vândalo, já que o ato depredaria um espaço privado.



Figura 1 - Logo do Movimento Ocupa Estelita

Neste enquadramento, a posição dominante defende o direito sob a propriedade privada e contra-argumenta promovendo a ideia de avanço, de desenvolvimento urbano e de valorização dos espaços obsoletos da cidade. Também são mencionadas a geração de empregos temporários e a segurança e conforto a serem fornecidos nos novos empreendimentos. A polarização das duas posições mnemonicamente remonta, como anteriormente aludido, a oposição ocupar x vandalizar, ocupar x invadir, resistir x ordenar e, em maior escala, proprietário x proletário, oprimido x opressor, como reforçam as figuras 2 e 3 a seguir:



Figura 2 - Tapume da PCR na orla de Boa Viagem
 Fonte: Diário de Pernambuco / Facebook



Figura 3 - Paródia divulgada pela página do MOE no Facebook
 Fonte: Página do MOE / Facebook

A Figura 2 ilustra uma sinalização criada pela Prefeitura da Cidade do Recife, com os enunciados “o vandalismo ocupou um espaço que é seu” e “a cidade é sua. Preserve. Para atos de vandalismo denuncie”, além dos números dos telefones para denúncia, o valor e o período de duração previsto para a realização do serviço de recuperação do patrimônio público. A terceira imagem satiriza os dizeres da segunda, ao afirmar que “O Novo Recife ocupou um espaço que é seu”, e mencionar “o valor do leilão”, e o “valor das propinas”. O leilão faz alusão ao ato de compra do terreno do Cais, numa negociação supostamente ilegal; daí o sentido das propinas, neste caso à prefeitura, completar a estrutura da sentença. O que chama a atenção, além do deslizamento de sentido do termo ocupar (de alojar-se à degradar), é a ideia de resistir enquanto marcação da posição-sujeito dissidente, que se afirma negando o dominante.

Além disso, chamamos atenção para a ideia de “seu espaço” designar públicos distintos de uma e outra posição; o “seu” espaço na orla de Boa Viagem, bairro nobre do Recife, não é o “seu espaço” frequentado por quem circula pelo Cais. Apesar de os dois dizeres aparentemente apontarem para um “seu” mais geral e abrangente, a imparcialidade que circunda o primeiro “seu” é marcada pela voz da prefeitura, que não participa efetivamente da “cidade que é sua”, mas que a gerencia de cima; enquanto que, no quadro de discursos que circundam os dizeres do movimento, a construção “a cidade é nossa”, e “nós somos a cidade”, dialoga com o coletivo (mas um coletivo que não passeia por Boa Viagem). Essa “inclusa exclusão” evidencia a luta entre a parcela da população detentora da propriedade privada, e aquela a favor da apropriação coletiva, e abre espaço para a sujeição em uma ou outra posição-sujeito, a depender de que “seu te favorece”. A coletividade e solidariedade entre aqueles que resistem nos levam a crer ser este um dos marcos onde esse sujeito resistente opera uma transformação na prática discursiva (nos moldes pecheuxtianos de reprodução x resistência x revolta x revolução x transformação), e conseqüente instauração de novos sentidos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis (2001). *Idéologie et appareils idéologiques d'état* (Notes pour une recherche). RAMOS, Joaquim de Moura (trad.). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (Notas para uma investigação). Lisboa: Editoria Presença. Distribuição no Brasil: Martins Fontes, 2001. (Original publicado em 1969).

COURTINE, Jean-Jacques (2009). *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. (Original publicado em 1982).

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange et. al. (Orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias – sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O Sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. ORLANDI, Eni Puccinelli (trad.). 4º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. (Original publicado em 1975).

_____. (1997a). Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. (Original publicado em 1969).

_____; FUCHS, Catherine (1997b). A propósito da Análise Automática do discurso: Atualização e perspectivas. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. (Original publicado em 1975).